

O ESPAÇO URBANO COMO DIFUSÃO TECNOLÓGICA

THE URBAN SPACE AS TECHNOLOGICAL DIFUSION

Antonio Carlos GAETA *

RESUMO: Novas formas urbanas presentes no espaço urbano de São Paulo representam uma relação bastante específica com a cidade existente. São mega-estruturas, como shopping centers, centros empresariais e até mesmo condomínios residenciais fechados, semelhantes aos padrões internacionais, que não têm referência nem diálogo com o espaço imediato local. Há vizinhança, mas não relações de vizinhança. Esta situação tem um paralelo com as novas tecnologias. Da mesma forma que com as novas tecnologias de comunicação e transporte, a proximidade está ressignificada, tendo em vista a aceleração. Ao mesmo tempo, essa aceleração significa que a difusão de novas formas urbanas *mundiais* é mais rápida. O *local* não pode mais contar com a lentidão da dispersão. A dispersão, horizontalidade, não é mais limitada pela lentidão. A adaptação “regional” que estava baseada nisto está em questão. A revolução tecnológica presente põe a cidade em permanente “insegurança”. Insegurança nas formas tradicionais, insegurança na “surpresa” das formas que surgem abruptamente.

Palavras-chave: metrópole; formas urbanas; novas tecnologias

ABSTRACT: New urban forms present in the urban space of São Paulo represent a most specific relation with the actual city. There is mega-structures, like shopping centers, business

* Professor Assistente-Doutor – Universidade Estadual Paulista.

Antonio Carlos Gaeta

centers and even closed condominio residences, similar international models, that haven't reference or dialogue with local immediate space. There is neighbourhood but not neighbourhood relations. This situation has a parallel with new technologies. In the same manner like communication and transport new technologies, proximity new meaning, by cause acceleration. In the same time, this acceleration means that world new urban forms diffusion is faster. The local can't count with slowness dispersal. Dispersal, horizontality, isn't limited by slowness. The regional adaptation, that were based in that, is in question. The actual technology revolution put city in permanent insecurity. Insecurity in the traditional forms, insecurity in the surprise of the forms that emerge suddenly.

Key words: metropolis; urban forms; new technologies

INTRODUÇÃO

Na área metropolitana de São Paulo, desde há 30 anos, têm proliferado novas formas urbanas que mantêm uma particular relação, uma *referência* de qualidade diferente com a cidade já constituída. Os exemplos mais representativos são os shopping centers, complexos centros de escritórios e mesmo condomínios horizontais residenciais "fechados". Enquanto localização estas formas não seguem as áreas tradicionais eleitas para tais setores e nem mesmo as *rotas* de ocupação e continuidade. Os casos pioneiros remetem aos anos de 1966 (shopping center), 1977 (centro empresarial *de São Paulo*) e 1976 (condomínio residencial *Alphaville*).

Estas novas formas na aglomeração urbana tiveram um rápido processo de proliferação. Tornaram-se referência e se difundiram. No caso dos shopping centers eles saltaram do primeiro, pioneiro em 1966, para mais de 100, em 1995 (em todo o Brasil), geralmente com características de *shoppings regionais*. Essa formalização tem se concentrado em São Paulo e Rio de Janeiro e se difundido pelo interior do Estado de São Paulo e todas as capitais estaduais.

MEGA-ESTRUTURAS EXEMPLARES

O **Centro Empresarial de São Paulo** é uma mega-estrutura programada para sediar os escritórios de poderosas empresas. Está localizado junto à avenida marginal do Rio Pinheiros numa área de 23 hectares. Foi inaugurado em 1977 e não faz referência à **tradição** local. Situado no alto de uma colina, ele acena para o fluxo incessante de caminhões e automóveis da avenida marginal e para as áreas nobres da zona sul, do outro lado do rio. O seu aspecto arquitetônico é de monumentalidade e fortificação. A colina o isola, relativamente, do bairro vizinho de auto-construção ou da favela próxima, bem como do Hipermercado a poucos quilômetros. O Centro convive sem nenhuma continuidade com a vizinhança. A questão da proximidade, pelo menos num primeiro momento, não se destaca e o Centro Empresarial “convive” com o bairro de auto-construção e não usa o recurso comum de se *valorizar* por estar próximo de alguma área residencial de luxo.

Neste caso da relação Centro Empresarial-entorno há duas referências espaço-temporais. Uma é a ocupação lenta e espontânea, seguida nas áreas próximas ao rio, relativamente esquecidas até poucas décadas. Tanto numa margem como na outra, até nos anos 70, havia pouca ação privada e pública, numa *urbanização informal*. Havia, e há, favelas dos dois lados e terrenos baratos ao longo das estradinhas que vislumbravam áreas mais periféricas. Trata-se de uma referência do ritmo lento e da continuidade que é atropelada pela **nova formalização** que se impõe. O outro ritmo é o da aceleração. Então, a marginal é importante, inclusive pelo acesso do automóvel. É um local de grandes áreas disponíveis que se encaixam nas novas necessidades de mega-projetos. O Centro Empresarial de São Paulo tem em conta esta “realidade local” e mesmo outras, como a menção à presença de grandes empresas industriais no entorno, do outro lado do rio. Porém, ele não se instala em função de especificidades locais. Ele não considera nem a **tradição** (de serviços, que não há), nem o **ritmo natural** (que há e é ou o da passagem do trem e um vazio, ou o da ocupação como área residencial desvalorizada comercialmente). Ele alte-

Antonio Carlos Gaeta

ra ou torna-se referência para empreendimentos que descaracterizam funções mais tradicionais e definidas para a área (como a industrial, nestas proximidades do rio, principalmente a outra margem). Dentro de sua lógica ele não precisaria estar exatamente ali. Ele teria dentro da cidade uma referência bem maior que passa por cima de inúmeras particularidades. Nem o *ali* é fundamental. Sua existência não passa pelo pré-requisito das linhas de ônibus que servem o local, dos bares e restaurantes que existem na vizinhança, da distância da tradicional área de escritórios no centro da cidade, etc.

Ele surge sem considerar qualquer sinalização *até mesmo dos futuros usuários*. Ao contrário, ele se impõe como futuro e cria o futuro e, num certo sentido, o seu participante. A proposta original do empreendimento, de abrigar escritórios de empresas de grande porte, dentro de um complexo multi-integrado, sofreu algumas resistências de início. A área era avaliada como inóspita para prédios comerciais. Uma questão semelhante foi enfrentada por uma outra mega-estrutura pioneira, o Shopping Center Iguatemi (1966). Houve um pioneirismo da forma que rompeu com estratégias locacionais até então consagradas. Embora a área escolhida tenha sido considerada estranha para o empreendimento, o Centro Empresarial se tornou referência. Ele abre caminho, faz o caminho. Não é apenas uma nova área, numa nova escala (sem uma verdadeira vizinhança), que se instaura. Mas também a formalização diferente no espaço. Há uma espécie de continuidade rompida. Instaura-se uma outra lógica que vai além dos próprios usuários e que também os disciplina, cria regras.

Embora sem o sentido de vizinhança, a presença de mega-empreendimentos como o Centro Empresarial pode criar áreas de envolvimento, numa outra escala (diferente da rua) e sem o sentido tradicional.

O **Shopping Center Iguatemi**, pioneiro desde 1966 (atualmente existem 18 shoppings só na cidade de São Paulo), com área bruta locável de 33.529 m² e 369 lojas, situado na zona sul da cidade, a mais nobre, tornou-se um espelho para os demais empreendimentos. Na época do seu lançamento, a área, embora situada na região dos *Jardins*, era considerada ameaçadoramente afastada dos tradicionais centros comerciais mais

importantes. Houve uma certa resistência por parte dos consumidores do espaço (os que participariam do empreendimento). O shopping vivia vazio nos primeiros anos. Até o uso da televisão, com transmissões ao vivo, foi feito, trazendo imagens das lojas em programa da tarde. A “velha” cidade desconhecia essa nova racionalidade. O sentimento de desconforto atesta a novidade e o significado de deslocamento que a forma introduz.

O pioneirismo do Iguatemi (apesar de experiências anteriores fracassadas) é também um atestado do seu significado como difusão tecnológica. Não havia qualquer experiência relevante em shopping centers no Brasil e tomou-se em consideração a experiência norte-americana.

Na época, a rua mais sofisticada de comércio em São Paulo era a famosa e comercial rua Augusta, hoje considerada próxima ao Shopping Center Iguatemi. Na fase “heróica”, o shopping utiliza-se dessa mediação local, mas de forma muito acessória. Ela só ajuda a compor periféricamente (muitas lojas vão se instalar no shopping) mesmo porque há uma questão de vida e morte entre a rua Augusta (com comércio relativamente decadente, atualmente) e o Shopping Iguatemi. A complexidade de referência altera, principalmente nos momentos “heróicos”, a aparência do Iguatemi. Houve uma mudança gradativa no aproveitamento do espaço e uma aproximação gradativa ao conceito de shopping fechado. Este conceito se impôs com a construção de outros grandes shoppings na cidade, como o Ibirapuera, o Eldorado e o Morumbi.

O shopping, nestes trinta anos, passou por inúmeras reformas (ampliações), bem como a área vizinha (abertura de grande avenida, hoje referência para escritórios e serviços em geral). Partiu-se de um shopping relativamente afastado da avenida (um estacionamento frontal) para uma aproximação com a “rua”, confundindo-se, até certo ponto, com a volumetria característica, composta por grandes edifícios e lembrando, remotamente, as fachadas das tradicionais lojas de departamentos.

O condomínio residencial **Alphaville** está situado junto a importante auto-estrada (Rodovia Castelo Branco), inaugurada em 1969, sete anos antes do condomínio. De alguma forma, a auto-estrada prolonga os eixos sul e oeste, de maior valorização residencial na cidade. Porém, dando um

Antonio Carlos Gaeta

verdadeiro salto e inaugurando uma outra escala. Entre os bairros tradicionais mais nobres e Alphaville há uma distância de 17 a 21 quilômetros. Alphaville, que conta com 12 *residenciais* e aproximadamente 25.000 moradores de médio e médio-alto padrão, tem seu território entre dois municípios da área metropolitana de São Paulo: Barueri e Santana do Parnaíba. Barueri é importante município industrial e operário. Entre as várias questões que o empreendimento suscita, uma das mais contundentes envolve a relação entre Alphaville e Barueri. Embora, em termos de arrecadação, Alphaville seja importante para Barueri, o contrário não parece importar. Alphaville, embora **legalmente** não seja um condomínio fechado, é toda cercada por muros e vigilância particular (isolando-a de qualquer contato) e não faz na sua nomenclatura de residenciais e ruas qualquer referência que seja ao local ou ao próximo.

DIFUSÃO

Essas *mega-estruturas*, semelhantes aos padrões internacionais, não tem referência nem diálogo com o espaço imediato local. *Há vizinhança mas não relações de vizinhança*. Esta situação tem um paralelo com as novas tecnologias. Há dois sentidos principais de comparação. Num primeiro sentido, trata-se da difusão dos modelos internacionais. Na época pioneira, de 30-20 anos atrás, não havia referências, no Brasil, para novas formalizações espaciais em esferas como a do comércio varejista, setor de escritórios e mesmo para o setor residencial horizontal.

Um exemplo importante foi a implantação do pioneiro Shopping Center *Iguatemi*, em São Paulo. O escritório de arquitetura, contratado pelo empreendedor para estudar a possibilidade, *entre outras*, de instalar um shopping center numa área nobre da cidade, teve de recorrer à **experiência internacional**. De posse do perfil de consumo e de lojas “necessárias”, os arquitetos visitaram vários shoppings nos Estados Unidos, principalmente na Califórnia e Flórida. Esse foi o padrão seguido pelo shopping pioneiro, embora sofrendo adaptações ao longo das suas inúmeras ampliações e reformas. Pelos padrões da Califórnia e Flórida da época, o Iguate-

mi deveria ser um shopping aberto (e na realidade paulistana sempre foi o mais claramente identificado com isto), mas, nos anos posteriores, efetuou uma mudança gradual no aproveitamento do espaço e uma aproximação gradativa ao conceito de shopping fechado. De qualquer forma, é a partir dessa experiência pioneira, espelhada nos Estados Unidos, que os shoppings se difundiram no Brasil, com grande sucesso. O shopping Iguatemi continua sendo um dos mais lucrativos e referência para qualquer estruturação interna e visual de shoppings. Tem sido considerado o melhor e o mais sofisticado shopping da cidade.

O condomínio “fechado” horizontal *Alphaville*, situado a 23 km do centro de São Paulo, no meio de uma área considerada até então como “cidade-dormitório” operária (Barueri), ocupa uma área de 16,4 milhões de m² com aproximadamente 6.000 residências de médio a alto padrão, nos moldes brasileiros. Apesar de muitas referências específicas, como com os projetos *autoritários* utópicos, em relação a aparência há uma certa aproximação com os subúrbios americanos, no estilo **edge-cities**. No caso brasileiro, há muito mais seleção e segregação social, em função da própria e enorme desigualdade existente.

O condomínio *Centro Empresarial de São Paulo*, com uma área construída de 32.256 m², numa área de 233.496 m², é composto por um conjunto de seis blocos de oito andares ocupados pelo setor administrativo de grandes empresas como a Rhodia, Gessy Lever, American Express e Mercedes Benz. Dista 18 km do centro da cidade e está situado junto a hoje valorizada avenida marginal do Rio Pinheiros. Construído dentro dos **padrões mundiais**, chama a si mesmo de “intelligent building”. A presença pioneira do Centro Empresarial de São Paulo, numa área considerada inóspita para esse tipo de atividade, deixou um rastro que foi seguido por inúmeros outros empreendimentos semelhantes. Hoje pode-se falar da avenida marginal do Rio Pinheiros como se fosse um corredor, semelhante ao importante corredor financeiro da avenida Paulista. Como exemplo, tem-se projetado para a década de 90 inúmeros grandes centros de escritórios na marginal, num total de 54 torres de escritórios, 3 hotéis cinco estrelas e 5 centros comerciais.

Antonio Carlos Gaeta

ACELERAÇÃO

Um outro aspecto envolve a proximidade entre estas novas formas urbanas e as transformações tecnológicas recentes. As novas tecnologias de comunicação e transporte tem em vista a aceleração. No caso das telecomunicações há um importante *componente espacial* já que elas “percorrem indiscriminadamente todas as regiões, põem lugares até agora isolados em contato direto com os centros eletrônicos de influência e trazem a informação e a experiência de toda a parte e para toda a parte” (RELPH, 1987:110). A velocidade, já indicada na multidão da metrópole desde o século XIX (o acostumar-se com o encontro, com a trombada, com o esbarrão) (BENJAMIN, 1991), significa também uma dimensão espacial, na medida em que a própria percepção passa a admitir uma certa **descontinuidade**, a mudança brusca. Com as novas tecnologias, cuja aceleração é trazida ao cotidiano, a questão se acentua. Como diz o filósofo francês Paul Virilio (1984), a aceleração provoca o choque que encavala o espaço. A aceleração e a *desaceleração* se acentuam, de diversas maneiras. Com o controle remoto, por exemplo, há o *break* ininterrupto. Isto tem uma importância na percepção social, temporal e espacial. Ou seja, há, no interior das novas tecnologias, uma essência que ressignifica proximidade, vizinhança e distância no espaço.

Além disso, a aceleração significa também que aumenta e se acelera a difusão de formas prototípicas. Pode-se afirmar que, como na tecnologia, a velocidade se impõe ao estático. O global se impõe ao local. Um dos aspectos importantes da tecnologia na sua relação com o urbano é a criação de pré-moldados e de formas inteiras prototípicas. Isto revoluciona a construção das cidades. Revoluciona, padroniza e acelera. Um outro aspecto é que uma indústria **moderna** de construção exige, como até no Brasil, a **criação de uma demanda** constante.

Porém, muito mais importante é o sentido *interior* da nova tecnologia e que se resvala para a cidade. Uma das questões é que a nova tecnologia se desprende do já constituído, da demanda do mercado tradicionalmente estruturado, da produção para o consumo (com características até pré-

industriais) e se antecipa, criando necessidades. A permanente transformação tecnológica age na direção de impedir que o mercado se acomode as novas constituições, para impedir que o produzido e o como produzir se torne norma, se torne “conhecido”. Há uma associação profunda entre revolução tecnológica e as mudanças que intentam **controlar a demanda**.

Outra questão tecnológica envolve o *desmontar de perícias*, unindo o administrável e o tecnológico. O desmontar de perícias vai além da fábrica. Passa pelos outros setores e se insere em todas as realidades mercantilizadas *como o espaço urbano*. Embora haja uma relação sempre presente entre o produto e a técnica que o produz (isto é, há sempre um caráter qualitativo da técnica), novas tecnologias são mais próximas à tendência de se livrarem dos determinismos do mercado já constituído se estiverem próximas à produção do leve, **com pouca forma** (“textura”) e muito valor. Ou seja, uma certa *abstração*. É uma tecnologia que tem como base materiais leves e deslocamentos rápidos de forma a aumentar a produção de materiais de pouco peso e grande valor. Isto é muito evidente nas técnicas de transporte que procuram convergir espaço e tempo, com uma tendência já definida desde o século passado. A tecnologia caminha, num certo sentido, em direção ao rompimento com a *forma que comprime*, no intuito de vencer os limites do “uso”. O domínio da máquina, como símbolo da subordinação do *qualitativo*, é o domínio da *revolução* da técnica (diferente do domínio da máquina obsoleta).

A tecnologia também comporta uma questão de aumento de escala. Trata-se também de uma dimensão espacial. O aumento de escala significa, entre outras coisas, uma maior necessidade de abstração, no sentido de perda de *detalhes*.

O LOCAL

O *local* não pode mais contar com a lentidão da dispersão. A dispersão, horizontalidade, não é mais limitada pela lentidão. A adaptação “**regional**” que estava baseada nisto está em questão. A proximidade es-

Antonio Carlos Gaeta

pacial está ressignificada, tendo em vista a aceleração que o próprio desenvolvimento tecnológico traz. Passa a ser aceitável no espaço, e mesmo desejável, a descontinuidade. A passagem abrupta de referências formais no espaço, unidas ou trombadas pela velocidade, faz parte do novo cotidiano. Dessa maneira, as formas novas não tem necessária continuidade com o **entorno**. O entorno é uma questão menor na perspectiva maior que tem essas novas formas. Somente a ação dos poderes públicos pode exigir uma maior adaptação-referência a este "local". Esse despreço com o local não é apenas uma referência terceiro-mundista. Em São Paulo, surge com o rompimento da continuidade *então existente*.

A mundialização da economia não é um fato novo, pois a sociedade moderna tem esse caráter global *desde o século XIX*. O imperialismo do começo do século significou, também, a difusão de uma sociedade mercantil pelas várias áreas do globo. Houve uma **extensão horizontal**, o rompimento de fronteiras e a imposição de valores e gostos. Porém, até então, o particular, o local, valia-se da própria lentidão da dispersão. A dispersão, horizontalidade, era limitada pela lentidão. Um dos símbolos da era imperialista era a estrada de ferro e, o que chamaríamos hoje, uma certa lentidão da viagem. A estrada de ferro liga e aproxima, mas é muito *extensiva*. É justamente nesta distância entre local e mundial, provocada pela lentidão, que se insere o regional. A adaptação "regional" está inserida nesta questão. Porém, neste final de século, há um aumento da velocidade, as novas tecnologias, que aumentam e aceleram a difusão. A velocidade vai se impondo ao estático como o global se impõe ao local.

Há nas novas formas urbanas, mega-estruturas planejadas tendo em vista também este aspecto, uma problemática que envolve a *dissolução do tempo e das referências ao entorno*. Na medida em que o "local" não é referencial, há sempre uma dissolução do espaço imediato de forma que o participante ou usuário veja a mega-estrutura como um *todo completo*. Muitas vezes, como nos shoppings, há também a dissolução do tempo. As referências ao tempo estão praticamente eliminadas.

Por outro lado, a programação gerenciada, presente na organização destas novas formas urbanas, faz com que a espontaneidade do cida-

dão na cidade concreta se perca. Cabe então à mega-estrutura definir rotas, gostos, compras e apreciação do que é apreciável.

Na relação com a cidade concreta, a cidade ao redor, pode significar para a nova tecnologia espacializada um obstáculo, barreiras, ou uma fonte de estímulo na medida em que as suas qualidades podem ser fonte de criação de um novo patamar na industrialização da própria cidade organizada.

Bibliografia

- ASHTON, Patrick J. "Urbanization and the dynamics of suburban development under capitalism". In: TABB, William K. & SAWERS, Larry. *Marxism and the metropolis. New perspectives in urban political economy*. New York: Oxford, 1984.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- DAVIS, Mike. "A renovação urbana e o espírito pós-moderno". *Espaço e Debates*, n. 27, 1989.
- GAETA, Antonio Carlos. *Acumulação e transformação do espaço urbano. O processo geral de formação dos shopping centers em São Paulo*. São Paulo. Dissertação (Mestrado), USP, 1988.
- _____. *Fisionomia urbana e fetiche. Novas formas urbanas e o processo de alienação*. São Paulo. Tese (Doutoramento), USP, 1995.
- LÉFÈBVRE, Henri. *La Revolución Urbana*. Madrid, Alianza Editorial, 1983.
- OLLMAN, Bertell. *Alienación: Marx y su concepción del hombre en la sociedad capitalista*. Buenos Aires, Amorrurtu, 1973.

Antonio Carlos Gaeta

RELPH, Edward. *A paisagem urbana moderna*. Lisboa, Edições 70, 1990.

SUBIRATS, Eduardo. *Da vanguarda ao pós-moderno*. São Paulo, Nobel, 1987.

VIRILIO, Paul. *Guerra pura. A militarização do cotidiano*. São Paulo, Brasiliense, 1984.